

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

**RODRIGO MARÇURA**

**A Educação Física escolar brasileira (en)rola a  
bola?...**  
**História e perspectivas**

Campinas/SP, Dezembro de 2004.



**RODRIGO MARÇURA**

# **A Educação Física escolar brasileira (en)rola a bola?...**

## **História e perspectivas**

Monografia apresentada à Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para obtenção do grau de licenciado em Educação Física.

Prof.º Mtdo. Rubens Venditti Jr.

Campinas/SP, Dezembro de 2004.

**RODRIGO MARÇURA**

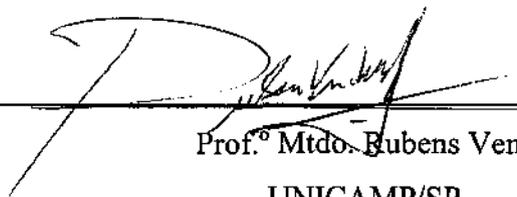
**A Educação Física escolar brasileira (en)rola a  
bola?...**

**História e perspectivas**

Monografia apresentada à Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para obtenção do grau de licenciado em Educação Física.

Aprovada em 15 / 12 / 2004.

BANCA EXAMINADORA



---

Prof.º Mtdo. Rubens Venditti Jr.

UNICAMP/SP

---

Prof.º Dr. Paulo César Montagner

UNICAMP/SP

## **Dedicatória**

Dedico este novo trabalho  
a meus queridos pais...

“O pessimista reclama do vento,  
o otimista espera que ele mude,  
o realista ajusta as velas”  
(Autor Desconhecido)

## **Agradecimentos**

Agradeço ao Pai, Filho e Espírito Santo obrigado pela força e pelo ânimo em vencer, que nunca me fizeram pensar em desistir, e que neste momento continue depositando em mim a esperança do lutar sempre por uma vida e por um mundo melhor. Obrigado por mais esta etapa vencida, a da Licenciatura em Educação Física.

Agradeço também aos meus amados e queridos pais, Joana e Dorival (Kiko) sem os quais seria impossível eu ter concluído mais esta etapa de minha vida universitária. Quero muito poder dar dez por cento do retorno daquilo tudo que vocês fizeram e investiram em mim. Obrigado pai, obrigado mãe, eu amo vocês e amarei pra sempre!!!

Queria agradecer também ao meu irmão Rogério, minha cunhada Vani e meus sobrinhos Gui e Gu. Agradeço também todos os meus familiares, tias e tios, primos e primas, cunhada e sobrinhos que sempre me incentivaram naquilo que escolhi para minha vida, obrigado a todos vocês.

A você Tati, minha namorada, que soube entender todos os motivos pelos quais estive ausente e que me apoiou sempre nos momentos em que mais precisava. Muito obrigado, você é demasiadamente especial!!

Agradeço à Sociedade Hípica de Campinas bem como todos os profissionais que lá trabalham e trabalharam comigo e que me ajudaram crescer como professor, em especial o Roger, Léo, André, Du e Du Ribeirão, Cacá, Adriana e em especial ao Rogério que me deu a oportunidade de estagiar lá e conseqüentemente virar professor daquela instituição.

Ao Colégio Progresso Campineiro que também abriu suas portas para que lá eu pudesse lecionar nessa difícil missão que é ser professor.

Vou correr o risco, mais uma vez, nessa minha segunda monografia, de quebrar o paradigma do modo como os agradecimentos normalmente são escritos. Continua existindo uma “mística” em não escrever os nomes das pessoas por um suposto medo de se esquecer alguém. Vou correr novamente esse risco, espero não esquecer ninguém! Lembro ainda que os nomes que aqui constam se referem a minha segunda fase na Universidade.

Aos meus amigos que conheci a partir do ano de 1997, todos da turma 97 noturno, da Faculdade de Educação Física da Unicamp, em especial a Fabíola, Maurício Marajá, BH, Fábio Cuco, Mirtão Japonês, Camilo Tayada, Nico, Gazzeta, Regina, Paula, Fernando e Vicky, e todos aqueles que fazem parte da turma. A todos os outros amigos de todos os anos da F.E.F, obrigado de coração, em especial ao Tulu, Lucas, Bixinho, Marquinhos, Tartaruga, Ferzinha, Fred e aos amigos da casa P-2 da moradia da Unicamp, Camilo, Allan e Vicentão.

Ao Professor e amigo Rubens, o Faisca, por ter acreditado em meu potencial e em nossa amizade, por ter “comprado” a difícil missão de me orientar e pela competência enquanto aluno e agora docente da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Valeu Faisca, você é um exemplo a ser seguido!

Ao Professor Dr. Paulo César Montagner, que em outro momento foi meu orientador e que agora faz parte da banca na defesa deste trabalho. Obrigado Cesinha!!!

A todos os professores de nossa Faculdade, com certeza todos acrescentaram muito em nossas vidas e eu sou eternamente grato a isso. A todos os funcionários, de forma geral, da F.E.F, em especial Beeroth, Lurdinha, Marli, Gonzaga, Dulce, Fátima. Obrigado pela ajuda de vocês, que foi imprescindível.

A todos meus amigos de Americana/SP, todos mesmo, vocês são peças fundamentais em minha vida.

## Resumo

Este trabalho, inicialmente, tem como propósito “provocar” os profissionais da Educação Física no sentido de alertá-los para a realidade que se encontra nossa área. O tema surge com minha inquietação, na observação das aulas de Educação Física, que pude acompanhar em algumas escolas do ensino público e privado de Campinas/SP no ano de 2004, como requisito das disciplinas de estágio I e II na Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Como objetivo, quero olhar para a Educação Física com os olhos de quem viveu a conturbada e importante modificação que o curso passou nos anos em que cursamos (além daquelas que estudamos ao longo do mesmo), e conseqüentemente enxergar as mudanças reais, ou seja, na prática e atuação profissional, ou aquelas que ficaram somente no âmbito da literatura da área, na teoria. Assim, uma ruptura que outrora fora anunciada, numa verdadeira quebra dos paradigmas, faz com que os conteúdos da Educação Física sejam novamente repensados na busca de um conteúdo que pudesse dar conta de formar um ser humano integrado com a escola e com o mundo em que vive de uma forma geral. O trabalho seguiu um roteiro que foi a identificação do problema deste ensaio, a revisão bibliográfica dos autores que melhor representaram, tanto qualitativa quanto quantitativamente, a busca da historiografia e a ruptura do pensamento clássico da Educação Física, a verificação da situação atual da Educação Física através de nossas observações em escolas e a conclusão e as proposições finais. Como resultados observei que pouca coisa mudou efetivamente em relação à Educação Física Escolar, assim o papel do agente pedagógico – nós, professores- passa a ser vital para a transformação e valorização de nossa área. No presente trabalho, apresento os motivos pelos quais essas características permanecem. Também aponto possíveis intervenções, que poderiam ser feitas no sentido de trazer de fato todo o contexto que uma ruptura (que se anunciou há duas décadas para a melhoria e a consolidação da Educação Física escolar) traria.

*PALAVRAS –CHAVE: Educação Física Escolar brasileira, História da Educação Física.*

## Sumário

<b>RESUMO .....</b>	<b>III</b>
<b>SUMÁRIO .....</b>	<b>IV</b>
<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO I: “REFRESCANDO” A MEMÓRIA: UM POUCO DE HISTÓRIA.....</b>	<b>3</b>
Um breve histórico – trajetória da Educação Física brasileira.....	6
<b>CAPÍTULO II: MEMÓRIA “REFRESCADA”, RUPTURA ANUNCIADA, CRISE INSTAURADA E...ENTERRADA? .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO III: OBSERVANDO OS RESULTADOS E PROSSEGUINDO COM A RUPTURA .....</b>	<b>23</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>30</b>

## Apresentação

Este trabalho, inicialmente, tem como propósito “provocar” os profissionais de educação física no sentido de alertá-los para a realidade que se encontra a área, encorajando-os ao engajamento através da atuação profissional, para que ocorram transformações teórico-práticas.

O tema surge com minha inquietação na observação das aulas de educação física que pude acompanhar em algumas escolas no ano de 2004, como requisito das disciplinas de estágio I e II na Universidade Estadual de Campinas (FEF-Unicamp).

Como objetivo queremos olhar para a Educação Física com os olhos de quem viveu a conturbada e importante modificação que o curso passou nos anos em que cursamos o mesmo (além daquelas que estudamos ao longo do mesmo). E, conseqüentemente, enxergar as mudanças reais, ou seja, na prática e atuação docente, ou aquelas que ficaram somente no âmbito da literatura da área, na teoria. Também é intuito discutir a realidade de nossa atuação e os diversos referenciais teóricos desenvolvidos para a educação física escolar.

Para que o trabalho fosse realizado, optou-se pela reflexão pessoal através da revisão de alguns autores que considero essenciais no processo de mudança paradigmática da área, fazendo uma interface com a prática que presenciei na ótica de observador das aulas de educação física em alguns colégios da cidade de Campinas-SP, além de minha própria prática e experiência profissional como professor regular de educação física escolar.

No estudo aqui apresentado, pode-se perceber as dificuldades sofridas tanto por profissionais quanto por legisladores no que tange a educação física escolar: um período de incertezas que culminou em uma dificuldade latente na afirmação da mesma enquanto área do conhecimento.

Seguimos então, apresentando um roteiro para a composição deste trabalho, aquilo que nos incomodava, a problemática de pesquisa e a forma como o mesmo seria composto. Vejamos estas etapas:

- **Identificação do problema da pesquisa:** teorias novas e práticas antigas.
- **Reflexão pessoal com interface Literária específica:** Histórico, ruptura e tradicionalismo vigente nas práticas. Nessa ordem, buscamos fatores históricos que fizeram com que a Educação Física se apresente hoje da

forma como ela está; a ruptura anunciada que previa mudanças de comportamento na prática da profissão e tentativas de constatação de poucas mudanças significativas na prática docente.

- **Verificação da atualidade:** Buscar identificar os motivos pelos quais a Educação Física de modo geral, como resultado de nossa observação em algumas escolas da cidade de Campinas, ainda tem como norteador de suas aulas os aspectos biológico e esportivo que tanto foram questionados por importantes autores de nossa área.
- **Proposições finais:** aqui tentamos entender a forma pela qual a Educação Física ainda é tratada de forma tradicional e também buscamos alternativas num posicionamento, visando alertar para a necessidade de mudanças para que uma nova prática seja possível e efetivada dentro do ambiente escolar.

Assim, estudamos as diferentes conotações que o corpo e a atividade física tiveram desde sua implantação no Brasil até os dias atuais, e principalmente o significado dado pela área de Educação Física a esses aspectos.

# Capítulo I: “Refrescando” a memória: um pouco de história

Podemos observar, numa tentativa de entendimento, que a Educação Física, ao longo dos anos, tratou o corpo como instrumento de produção e a atividade física como prática a partir do processo de industrialização e crescimento urbano, sendo a Educação Física o canal que proporciona essa prática.

A atuação da Educação Física tem início no final do século XIX e início do século XX. Essa atuação foi representada por muitos papéis dentro da educação e da sociedade brasileira como um todo, sendo que em um passado recente ela sofre um tratamento homogeneizante.

No livro de Castellani Filho, Carl Becker nos escreve:

Os períodos de estabilidade, propícios ao sentimento de satisfação do presente, favorecem igualmente o consenso social quanto à imagem tradicional do passado; ao contrário, nos períodos de crise e de oposição, quando a estabilidade é abalada, os homens descontentes com o presente são inclinados a estarem também descontentes com o passado: a História é então submetida a uma reinterpretação na perspectiva dos problemas e das dificuldades do presente. (Becker apud Castellani Filho, 1988, p.21).

Com estas palavras podemos perceber a intenção deste estudo: um desejo, uma vontade, ou até angústia, ainda que modesta, de reescrever uma parte da história da Educação Física.

Isto se deve ao fato de que o descontentamento ainda “vive” em nós, pois ao que parece, ao menos empiricamente, pouca coisa mudou depois de uma crise que a área viveu em determinado momento em nosso passado educacional e que tentaremos verificar neste estudo.

Porém gostaria de traçar, ainda que em linhas gerais, um caminho- um novo caminho!- que venha reiterar uma proposta de mudança acontecida nos anos 80 e 90 ou mesmo a busca de novos horizontes e perspectivas para minha atuação profissional.

Isso tudo, para que realmente a Educação Física seja tratada de forma digna, não apenas na reafirmação de que temos valor e importância no âmbito educacional, mas

principalmente com o intuito de contribuir na formação de cidadãos mais críticos e atuantes da nossa sociedade.

Para tentar confirmar nossa expectativa, Sidney Hook escreve:

A história é reescrita quando emergem perspectivas novas que nos permitem perceber o significado de certos acontecimentos do passado, que haviam escapado à atenção dos contemporâneos. Estes acontecimentos inserem-se nos modelos de continuidade, incluindo os acontecimentos que constituíam o futuro para os que viviam no passado. Do mesmo modo, os nossos descendentes compreenderão melhor o nosso século do que nós, porque serão capazes de ver as conseqüências de acontecimentos que ignoramos atualmente, e que constituem as premissas de tendências importantes que darão os seus frutos quando já não existirmos. (Hook, apud Castellani Filho, p.22).

Não podemos, portanto, compreender o significado das atitudes do presente, pois não sabemos de suas conseqüências no futuro. Então a análise a ser feita é com base na história da Educação Física, mais precisamente na ruptura do pensamento que permeava a área nos anos da década de 80 e início dos anos 90 (MEDINA, 1990; COLETIVO DE AUTORES, 1992; DAÓLIO, 1997).

E, mesmo sabendo que, para a história, esses vinte anos, decorridos dos fatos que marcaram a quebra do paradigma, são relativamente um período temporal muito curto, ainda assim acreditamos que, pelo período decorrido, algumas alterações no comportamento do profissional de educação física já podem ou poderiam ser sentidas.

Este seria então o objeto de meu estudo neste trabalho: uma “reinterpretação histórica”, com suas conseqüências de formação e capacitação profissional, incutindo diretamente nas aulas de Educação Física escolar e nas possibilidades de relação teórico-prática para os docentes em educação física escolar.

A Educação Física, a partir desta ruptura de pensamento, bem como as teorias que tentam explicitá-las como uma disciplina de tamanha igualdade com as demais, procura então primeiramente acabar com o preconceito com que as pessoas a tratam e segundo que essa quebra do pensamento busca realmente dar uma identidade à área para que o trabalho vá além do simples reconhecimento, tendo um verdadeiro significado aos educandos e em suas formações humanas.

Houve uma época que a Educação Física foi considerada apenas como efeito de dominação de uma elite, alienada e alienante. Uma Educação Física que servia apenas aos propósitos da classe social ascendente- no caso, a burguesia.

Um estudo de Jacques Royer mostra que é possível:

[...] medirmos melhor a importância de uma nova concepção de Educação Física, quando adquirimos, pelo estudo histórico, a convicção de que se trata de ultrapassar o sistema de classe de educação, que contém a marca da separação do trabalho intelectual e manual na vida social (Royer, apud Castellani Filho, 1988, p.26).

E, prossegue afirmando que:

[...] o caráter social de toda a educação não deve ser esquecido, da mesma forma que o caráter de totalidade da atividade humana. O primeiro princípio científico desta Educação Física é realmente fundamentar os seus fins e os seus meios na prática social em desenvolvimento. É pela aprendizagem das diversas formas do trabalho manual que o Homem poderá adquirir uma grande habilidade, uma verdadeira cultura politécnica. É na prática e no decurso da assimilação das atividades de desenvolvimento do ócio atual, desporto, dança etc, que ele enriquecerá igualmente as suas aptidões motrizes (Royer, apud Castellani Filho, 1988. p.26).

Florestan Fernandes, no ano de 1987, discursa na assembléia Legislativa de São Paulo (CASTELLANI FILHO, 1988) falando dessa importância de não haver uma educação unilateral, ou seja, não se deveria dar prioridade do intelecto em relação ao “restante do corpo”, cabendo então à Educação Física trabalhar nessa função global de homem, em sua formação, desenvolvimento e relações sociais.

Vale ressaltar aqui que, assim como as palavras de Castellani Filho (1988), bem como os autores citados por ele em sua reinterpretação da história (e que agora, surgem neste estudo) tem a intenção de “clarear” uma ruptura de pensamentos, através da afirmação da área como disciplina regular nas escolas.

Por este motivo, estas citações se mostram de forma interessante por transparecer uma preocupação de, através de dados históricos, mostrarem uma mudança que vinha ocorrendo, ainda que sutil e vagarosamente.

Vamos tentar entender então o motivo desta necessidade de mudança, mostrando através da história, como era a Educação Física em seus primórdios no Brasil.

## **Um breve histórico – trajetória da Educação Física brasileira**

Inezil Pena Marinho foi o historiador que trouxe à luz todo o caminhar da Educação Física no começo de sua atuação no Brasil, tanto no fim do império como no início da república. Neste caso, constata-se que a história inicial da educação física brasileira em muito se confunde com a história dos militares da época.

Em 1810, com a criação da escola militar, outros eventos desencadearam-se para que, em 1860, a ginástica alemã fosse trazida ao país e introduzida na escola referida (CASTELLANI FILHO, 1988).

Já em 1907, a missão militar francesa vem ser aquilo que podemos considerar como o “primogênito” das escolas de Educação Física no Brasil, através da criação da escola de Educação Física da força policial do estado de São Paulo (a mais antiga escola da área); e ainda em 1922, através do ministério da guerra houve a criação do centro militar de Educação Física, no Rio de Janeiro.

Sabendo-se então dessa real influencia militar sofrida pela Educação Física em seu início, desde o século XIX, podemos então entender a necessidade que se havia na época da construção dos “cidadãos brasileiros”.

Dessa forma, a Educação Física atrelada ao militarismo é desenvolvida sob a égide do indivíduo forte e saudável, que se achava muito importante para o desenvolvimento brasileiro na época; pois saído da condição de colônia, o Brasil necessitava de uma consolidação como país e nação.

Nesse contexto, a nossa área era vista como uma possibilidade no ambiente escolar, pois através de nossas aulas e do local das atividades, se desenvolveria o físico, juntamente com a saúde do corpo. Quando tocamos nesse ponto, em que a Educação Física começa a ser encarada também sob a perspectiva da saúde, podemos perceber que outra classe começa a influenciar os pensamentos e ações da prática da Educação Física no Brasil: a dos médicos e profissionais da saúde.

A eles também podemos inculcar os “méritos” de introduzir e induzir a Educação Física no sentido de encará-la como um tratamento higiênico do corpo, pois os médicos da

época<sup>1</sup> acreditavam ser a classe trabalhadora responsável pela reconstrução da família brasileira, recém-saída da condição de colônia, e que deveria sofrer alterações em suas formas de conduta física, moral e intelectual, consolidando assim um país novo, emergente e moderno.

Com uma Educação Física higiênica para as crianças, a sociedade se veria livre dos costumes coloniais e assim a idéia do corpo sadio e forte estaria completamente assegurado através destas práticas, baseadas nos preceitos sanitaristas da época.

Com o passar do tempo, a Educação Física escolar começa a ganhar uma conotação de ginástica que é introduzida no interior do espaço escolar.

Mas uma resistência forte se inicia nesse processo: os pais de filhos do sexo masculino, ainda que contra suas vontades, aceitaram essa forma de manifestação corporal, pois ela era praticada também nas instituições militares; mas, em contrapartida, aqueles que possuíam filhas (do sexo feminino) repugnaram qualquer possibilidade de vê-las fazendo essa atividade, considerada “não-condizente”, ou ainda inadequada ao comportamento de uma “menina direita”, ou de uma mulher da época.

Daólio (1997, p.80) em seu livro relata uma constatação interessante de alunas que tinham repúdio, vergonha, nojo e desprezo por suas atitudes em aulas, por se considerarem inaptas e “desengonçadas” (elas e seus corpos “de antas”), quando estão em alguma atividade prática nas aulas de educação física.

Seria isso um reflexo de tudo que elas viveram no contexto da Educação Física?

No ano de 1882, Rui Barbosa, em seu famoso parecer na câmara dos deputados, promove a discussão sobre a reforma do ensino primário e várias instituições complementares da instrução pública.

Nesse parecer há uma alusão para que com a Educação Física os corpos fossem doutrinados para a obtenção do homem forte e como conseqüência uma nação forte.

Claro que isso no caso dos homens, pois com as mulheres o que se pretendia era a confirmação da idéia que a “futura mãe” deveria ter tratamento diferenciado nas aulas, pois as mesmas não condiziam com a sua condição materna.

---

<sup>1</sup> Só da época?! Quantos de nós, ainda hoje, não nos deparamos com o famoso “atestado médico”, que permite ao aluno dispensa das aulas, das práticas e do contato com os diversos conteúdos transmitidos e vivenciados nas aulas de educação física escolar?

Porém, Rui Barbosa e Fernando de Azevedo, mais tarde, mesmo objetivando uma Educação Física que acabasse com a dicotomia intelecto versus corpo sempre reforçaram tal associação dualista onde o físico se colocava a serviço do intelecto.

Além disso, ambos discursaram parecidamente sobre a eugenia da raça brasileira através das aulas de Educação Física escolar, ou seja, buscavam com esse discurso que as aulas promovessem gerações futuras (através de métodos sanitaristas, sociais, econômicos e educacionais) com maiores capacidades físicas e mentais do que a que eles viviam.

Homens fortes que defendesses a pátria, mulheres saudáveis para geração de filhos fortes e saudáveis que depois, em um grande ciclo vicioso (se é que podemos chamar dessa forma), se tornariam “ciclos virtuosos” para o pensamento da época.

Como consequência podemos citar aqui a naturalização do fato social, ou seja, esses comportamentos que foram sendo praticados durante todos estes anos, nos remetem hoje para uma naturalidade social, construída pela sociedade, de que é “normal” homens, entre outras coisas, participarem mais das aulas de Educação Física do que as meninas. Também faz com que pensemos que se deva aceitar a idéia de que realmente algumas atividades são de meninos, enquanto outras são específicas das meninas.

Assim relegamos a elas o “honroso” papel de marcar pontos nas aulas onde o vôlei era o tema, ou de ficar à margem, fazendo outras tarefas escolares enquanto os meninos realmente participavam da aula, mesmo que essa aula fosse o famoso jogo de futebol.

Castellani filho nos mostra, através de uma regulamentação do ano de 1941, o decreto lei nº3199 que:

Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país. (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 61).

Às alunas mulheres que possuíssem “prole” a Educação Física fica facultativa, desde 1977. Ao facultar essas aulas às alunas que fossem mães, o Estado limita a educação dos filhos somente às mulheres, caso contrário os homens que possuíssem prole também deveriam ter o direito de se afastarem das aulas. Tanto um quanto outro seriam um equívoco aos pensamentos da época.

No final do século XIX e início do século XX a Educação Física, diante das mudanças do modelo sócio econômico do país, vê na **eugenia** da raça brasileira o seu foco de ação.

Por este pensamento eugênico, a educação física escolar procura buscar alternativas nas quais os indivíduos da raça branca-claro, fossem “selecionados” para que uma nova raça, higiênica e eugênica, baseada em preceitos da Europa, se sobressaísse sobre as demais etnias brasileiras, na criação de um novo modelo de sociedade e padronização de uma raça brasileira forte e saudável.

Em 1928, uma enquete é feita por organismos da educação brasileira que “estudam” a possibilidade da Educação Física estar presente no segundo grau, hoje ensino médio, tendo como resposta um sim que naquela altura dava significado ao ensino da disciplina. Mais adiante voltaremos a falar sobre o assunto da Educação Física e sua atuação nos diferentes níveis do ensino brasileiro.

No ano seguinte, durante um congresso em São Paulo, há definições sobre a atuação da Educação Física nos diferentes níveis de ensino, onde podemos afirmar que já há a tentativa de mostrar um currículo acerca das capacidades a serem ensinadas nos diferentes níveis de ensino, ocorrendo também, neste mesmo congresso, a discussão da prática docente na Educação Física diante das dificuldades apresentadas no cumprimento de suas funções.

Notável fica então que desde épocas distantes a dificuldade em lecionar Educação Física escolar já se fazia presente entre os profissionais da área. Esse é outro assunto a ser tratado posteriormente.

E diante dessa discussão toda, diante da impossibilidade da Associação Brasileira de Educação (ABE) criar um método nacional que daria diretrizes ao ensino da Educação Física escolar brasileira, adota-se o método francês, em substituição ao método alemão, como sendo o norteador da **prática**<sup>2</sup> da Educação Física no Brasil.

Vejamos onde isso fica comprovado observando o projeto de lei citado por Castellani Filho (1988, p.74): “...enquanto não fosse criado o método nacional de Educação

---

<sup>2</sup> O termo foi aqui grifado em negrito pois um pouco mais para frente do presente texto voltaremos a dar ênfase no período em que a prática era a norteadora única no sistema de ensino da Educação Física escolar.

Física (ficaria) adotado em todo o território brasileiro o denominado Método Francês, sob o título de regulamento geral de Educação Física...”

Vamos observar neste momento o que nos mostra Castellani Filho (1988) sobre as reformas educacionais:

Uma vez mais, cogita-se de reformar o nosso plano educacional. Já se tornou praxe irremovível entre nós, as reformas periódicas. Não há estabilidade. Pouco depois da adoção de um projeto, antes de produzir os resultados previstos, já se pensa em modificações, em traçar novas diretrizes. A consequência desta instabilidade é a desorganização permanente. Mudam-se e remudam-se os programas e os processos de ensino (CASTELLANI FILHO, 1988, p.77).

A obrigatoriedade da Educação Física ganha notoriedade, pois “...é inadmissível que se pense desenvolver apenas o cérebro, em detrimento do restante do organismo, deixando-lo atrofiar-se...”(CASTELLANI FILHO, 1988, p.77)

Citando Nietzsche (2000, p. 173), que resume bem este pensamento, “aos que desprezam o corpo quero dar o meu parecer. O que devem fazer não é mudar de preceito, mas simplesmente despedirem-se do seu próprio corpo e, por conseguinte, ficarem mudos”.

Buscava-se com isso, perante uma nova reforma educacional, o aprimoramento racial juntamente com o robustecimento do povo brasileiro por meio das aulas de Educação Física, para que o “teorismo” não fosse excessivo em relação a uma necessidade “notória” de um homem com condições físicas especiais, para o enfrentamento dos problemas que uma situação pudesse oferecer.

Conscientemente ou não, como já citado, outras “funções” foram destinadas para a Educação Física: a defesa da pátria e a contribuição com a economia do país.

No que concerne à defesa da pátria, em 1935 cria-se no país uma onda de preocupação contra os perigos internos, movimento batizado pelos militares de intentona comunista, e também contra os perigos externos que se caracterizavam pelo possível conflito bélico em nível mundial. Era necessário então (e a nossa área contribuiria com isso) que houvesse homens fortes e preparados o suficiente para a defesa da nação.

Já no que diz respeito à contribuição com a economia do país, a preparação dos homens também era atrelada com a Educação Física no sentido de prepará-los para a nova ordem social das fábricas e indústrias, sendo os mesmo capazes de trabalhar para o crescimento da nação e da industrialização e urbanismo emergentes.

Diante de uma nova proposta para a educação brasileira, no período que se segue (1937-1945), a Educação Física ganha a conotação na mudança de paradigma da educação desta época.

A escola, longe de ser imparcial, seria um aparelho ideológico do estado (CASTELLANI FILHO, 1988) para que a doutrina do mesmo fosse passada adiante, tendo a Educação Física a incumbência, juntamente com a educação Moral e Cívica, de começar a fazer “andar a nova locomotiva” das idéias do sistema vigente naquele momento.

A Educação Física passa então a ser obrigatória em nível primário, secundário e facultativa no ensino superior.

Alcir Lenharo (apud Castellani Filho, 1988) nos dá a dimensão do significado da Educação Física do período:

[...] a militarização do corpo (que se dava em três patamares, quais sejam, o da moralização do corpo pelo exercício físico, o do aprimoramento eugênico incorporado à raça e a ação do Estado sobre o preparo físico e suas repercussões no mundo do trabalho) a qual se deu concomitantemente a “militarização do espiritual (LENHARO, apud CASTELLANI FILHO, 1988, p. 85).

Ainda segundo Lenharo apud Castellani Filho (1988, p. 85) “os problemas de segurança e defesa da pátria exigiam a colaboração civil, através do esporte, para o trabalho organizador e ação preparatória das casernas”.

Notamos então, no decorrer da história, como o caráter biológico sempre esteve presente dentro de nossa área de atuação.

No exato momento em que a Educação Física se via necessária para o crescimento econômico do Brasil, adestrando corpos da classe trabalhadora, percebemos que o lazer a ser oferecido, igualmente benéfico do ponto de vista mercadológico por oferecer um momento de alegria aos trabalhadores, a preocupação com o desenvolvimento muscular, uma melhor capacidade pulmonar, uma circulação sanguínea mais benéfica são o mote para a justificativa da Educação Física da época, no início dos anos de 1940.

Além disso, ela se justifica porque, nas palavras de Castellani Filho (1988, p.98) “ela disciplina emoções, forja a personalidade, desenvolve o caráter, e as demais qualidades que o elegem padrão de moral, de dignidade e de virtudes”.

Essa relação do Estado brasileiro com a área de Educação Física se manteve até o início dos anos 70, não sofrendo alterações, continuando então o seu caráter instrumental como norteador de sua prática.

No ano de 1971, um parecer do conselho federal de educação mostra como a área era concebida (era?!) pelo citado órgão.

Diz o parecer que a Educação física, definida como matéria curricular, estaria incorporada ao sistema de ensino na forma de **atividade**, uma **ação** que não necessitaria de uma reflexão teórica, ficando caracterizada então do fazer pelo fazer.

Importante notar a palavra **atividade** como sendo realmente aquilo que norteava (ou ainda norteia... é o que tentaremos verificar) nas aulas, ou seja, atividades práticas que eram desprovidas, pelo mesmo do ponto de vista do aluno, de uma reflexão intelectual da mesma.

Era a prática pela prática, talvez até o fazer pelo fazer, mas com o objetivo que já foi citado, qual seja o da instrução militar em determinado momento, da alienação da população, para o fortalecimento dos homens para que a emergente sociedade fabril que surgia no país, para mulheres fortes para que seus filhos fossem saudáveis, enfim, práticas desprovidas de reflexões mentais, na dicotomia corpo versus mente. E continua:

(A Educação Física) [...] não como um campo do conhecimento dotado de um saber próprio, específico- cuja apreensão por parte dos alunos refletiria parte essencial da formação integral dos mesmos, sem a qual, esta não se daria- mas sim enquanto uma mera experiência limitada em si mesma, destituída de exercício de sistematização e compreensão de conhecimento, existente apenas empiricamente. (CASTELLANI FILHO, 1988, p.108).

Após a obrigatoriedade confirmada da Educação Física nos ensinos de 1º e 2º graus da época, uma nova característica política faz da área uma obrigação curricular também no ensino superior, isso já no ano de 1969.

Mas essa determinação pouco tem a ver com o caráter econômico que estava atrelada nossa área, mas tratava-se de uma tentativa, através de seu caráter lúdico-desportivo, esvaziar os movimentos estudantis, principalmente o da UNE (União Nacional dos Estudantes), para que com isso o referido movimento não viesse trazer problemas para o sistema político da época.

## **Capítulo II: Memória “refrescada”, ruptura anunciada, crise instaurada e...enterrada?**

A década de 1980 apresenta os primeiros elementos de uma crítica da Educação Física a sua função sócio-política conservadora no interior da escola.

A definição da área nessa época é a de uma “prática” pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Até então, um sistema desportivo, aquele cuja prática é institucionalizada através de códigos e condutas regulamentados por federações e confederações é o modelo vigente das aulas de Educação Física.

O que podemos dizer é que a educação de uma forma geral, na qual se inclui a Educação Física, representa desde a revolução industrial e francesa, mesmo no Brasil, uma educação da burguesia.

A ascensão à elite dessa camada social faz com que os modelos de educação no país sigam a ideologia da classe dominante, isso também na Educação Física.

Nos momentos em que os interesses são antagônicos e uma luta de classes se dá no campo social podemos dizer que uma **crise** se instaura, sendo que dela emergem propostas para uma nova tendência daquela que vinha sendo conceituada até aquele momento. Da crise surgem as pedagogias “diagnóstica, judicativa e teleológica”. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.25).

Se uma pedagogia entra em crise é porque também sua prática já não convence seu público e seus próprios anseios, sendo necessário então uma separação daquilo que vinha sendo desenvolvido para aquilo que se percebe necessário nesse momento de mudança.

Já no início dos anos de 1980, Medina (1990)<sup>3</sup> pregava uma Educação Física que precisava entrar em crise, como veremos adiante outros autores com a mesma prerrogativa, para que fossem superadas todas as marcas e estigmas que ela representava e nela estavam

---

<sup>3</sup> N. do autor: O trabalho de Medina data de 1982, porém a edição aqui utilizada é do ano de 1990.

representadas por conta das correntes que a área se utilizou no desenvolvimento de sua atuação.

Crise essa que deveria trazer à tona todos os problemas vividos pela Educação Física para que decisões fossem tomadas no sentido de permitir uma mudança tão evidenciada naquele momento.

E necessariamente era um risco, como é um risco toda tentativa de mudança de uma ordem socialmente estabelecida, ter uma crise em nossa área. Pressões e repressões viriam com a mudança que se ansiava, em uma clara tentativa de saída do conformismo.

Este era um período, data em que o livro de Medina foi escrito, de novas idéias e perspectivas, pois o País vivia um momento de abertura política após anos de cerceamento e repressões.

Mas não dava, assim como hoje em dia também não, para esperar somente órgãos oficiais para que mudanças acontecessem. Dessa forma era necessário que as mudanças ocorressem também de “dentro para fora”, e não só de “fora para dentro”.

Assim, com este pensamento, de buscar e trabalhar em cima daquilo que se acredita, onde as atitudes humanas se expressam através de seu corpo se fazia necessário.

Corpo este que é único (corpo mais mente) e não desintegrado (corpo versus mente), sendo essencial essa compreensão não para dar sentido à importância da Educação Física, como também da necessidade de observar o ser único que somos e que representamos na sociedade.

Vejamos o que Medina (1990, p.23) nos fala sobre o assunto:

Em suma, a consciência só pode ser interpretada como uma manifestação mental na medida que esta, em última análise, seja entendida como uma manifestação somática. Desta forma, poderíamos dizer que a consciência está gravada no corpo.

Mas essa importância da Educação Física também deve ser entendida no âmbito político do assunto.

Necessariamente a política, o poder constituído, deve nortear nossas cabeças para entendermos o motivo pelo qual encontra nossa área. Pois através da política é que conseguiremos compreender para transformar, já que a mesma não tem contribuído para a superação dos antigos paradigmas. Veremos este assunto em detalhes mais adiante.

Por não se formar de um acontecimento neutro, a Educação Física e a Educação de um modo geral, não se realizam de forma independente.

Todo um contexto que a cerca, como costumes sociais, a política, a economia e uma sociedade de excessivo consumo, devem ser encarados de forma conjunta, como parte de uma Educação por inteiro, que seria muito pregada por João Freire mais adiante.

Uma educação que contemplasse o humano do ser humano: um ser que possui sim músculos e articulações, mas que se norteia através daquilo que sente e pensa, num todo; um ser que possui sentimentos e que podemos considerar integrado a todas as variantes supra-citadas que o rodeiam.

Com isso, a Educação Física, que deve “prestar atenção” em todos esses aspectos, é uma área percebida por outros profissionais que atentam para essa necessidade de olhar para a sociedade com um todo.

Estando então na “moda”, psicólogos, médicos, fisioterapeutas, filósofos e políticos “enxergam”, na Educação Física, possibilidades que muitas vezes nossos olhos, enquanto profissionais da área, não “enxergam”. Nas empresas, nos trabalhos de reabilitação, na área de lazer e orientação à atividades esportivas ou de condicionamento ficam então entregues para outros profissionais.

Assim, se não conseguimos “olhar” para esses fatos, isso pode significar uma desatenção de nossa parte que conseqüentemente abra espaços para que outros profissionais atuem dentro de nosso “espaço” de trabalho, ou falar em nome da Educação Física.

Em contrapartida, isso também pode abrir nossas pálpebras para uma necessidade que não vislumbramos, a de uma crise, por exemplo.

Veja que aqui não estamos em um discurso de reserva de mercado ou coisa parecida. Afinal, o conhecimento é universal e sendo assim é de direito de todos, da humanidade.

Mas da mesma forma que foi ruim que outros profissionais estivessem em nosso espaço, e ainda estão, esse fato também contribuiu para que algumas pessoas vissem que uma crise deveria ser anunciada para que também esse fato fosse mudado, além de e principalmente, mudar a relação teórico-prática das aulas para que, em última instância, os alunos fossem beneficiados.

Crise necessária porque a profissão foi caindo em uma armadilha que é o de projetar seu ensino desvinculado de uma reflexão.

Assim o profissional (antes mesmo de se formar) encontra um emprego, a ele se dedica e assim fica por um, dois, dez, vinte anos sem que haja uma mudança. Ele faz exatamente aquilo que lhe é mandado.

Isso cria e reforça uma cultura, a cultura do profissional de Educação Física, aquele que não pensa, não lê, não reflete, aquele que faz, só faz, o que acaba levando em uma possibilidade de análise, de uma aula do fazer pelo fazer – o conhecido “rola-bola”.

E assim, nesse determinismo, a Educação Física ia ficando (ou ainda fica?), pois parecia ela estar cumprindo exatamente o papel a que ela foi destinado pela sociedade.

Em meados dos anos de 1980, Medina já nos anunciava essa necessidade de entrar em crise a Educação Física:

A Educação Física precisa entrar em crise urgentemente. Precisa questionar criticamente seus valores. Precisa ser capaz de justificar-se a si mesma. Precisa procurar a sua identidade. É preciso que seus profissionais distingam o educativo do alienante, o fundamental do supérfluo de suas tarefas. É preciso, sobretudo, discordar mais, dentro, é claro, das regras construtivas do diálogo. O progresso, o desenvolvimento, o crescimento advirão muito mais de um entendimento diversificado das possibilidades da Educação Física do que através de certezas monolíticas que na verdade não passam, às vezes, de superficiais opiniões ou hipóteses. (MEDINA, 1990, p.35)

Sabido então que a Educação Física apresentava problemas que muitas vezes impedia de ter seu real significado na cultura do povo brasileiro. Veja que falamos de discursos anunciados há mais de 20 anos, mas se tirarmos as frases do passado e as colocarmos no presente muito provavelmente pouca coisa se altera.

Isso porque essa sabedoria não foi, ou não é, realmente incorporada pelos profissionais de nossa área. Ou seja, apenas falar dos problemas sempre foi mais um ato político do que prático, sendo que resoluções que viessem mudar substancialmente as características da Educação Física escolar nunca saíram do papel dos escritores da área, e poucas vezes estiveram presentes na legislação do país.

Há ainda o problema do dualismo corpo versus mente que sempre privilegiou em nossa sociedade o intelecto em detrimento ao corpo das pessoas.

Ora, considerar esse dualismo sempre foi, e ainda o é, uma forma retrógrada e primitiva de considerar o ser humano.

Por conta dos discursos teológicos, uma Educação Física comprometida com a formação global do homem é lançada em segundo plano, e quebrar este pensamento se tornava essencial para que uma crise anunciada tivesse êxito.

Sobre esta quebra de paradigma, vejamos as palavras de Medina:

O homem é um ser incompleto e inacabado, e são suas relações com os outros e o mundo que o torna possível. O homem isolado é uma abstração. O homem concreto é aquele entendido no seu contexto, inseparável de suas circunstâncias, onde suas relações se fazem dinâmica e reciprocamente. (MEDINA, 1990, p.46)

É necessário então, com a Educação, na qual está inserida a Educação Física, a busca de tornar as pessoas mais humanas, mesmo que isso pareça uma redundância, o que infelizmente não é.

Nesse sentido a Educação deve ser encarada como um processo que muda o comportamento das pessoas. Mas essa mudança deve ter um reflexo interno daquilo que vem do extremo.

Mas que fique claro, como já apontamos para este aspecto, que não podemos esperar e considerar apenas uma mudança de fora para dentro, pois assim estaríamos de acordo com a forma com que a educação brasileira se apresenta, em especial a educação Física. Estaríamos afirmando que o adestramento, o treinamento que uma educação de fora para dentro proporciona é aquela que seria a ideal para nossa população.

Assim um ato educativo significativo tem efeito quando a intencionalidade dos atos humanos é uma característica assumida por esse ser que pensa, reflete e age, e não somente recebe informações que não dão real significado a suas vidas.

Na Educação Física, um movimento só se torna significativo quando dele percebemos uma expressão significativa da própria vida. Senão, como nos diz Medina (1990, P. 48) "... tornam-se (os movimentos) gestos mecânicos, em nada diferentes daqueles de que é capaz um robô ou uma outra máquina qualquer...".

Essa pedagogia que entra em crise, não respondendo mais sobre seus atos pedagógicos na sociedade, na área de Educação Física tem uma definição, através de um Coletivo de Autores (1992), de crítico-superadora, que visa substituir os modos de ação e pensamento que chamamos em outro momento de Educação Física tradicional.

Segundo este livro<sup>4</sup>, todo educador deve ter seu projeto político pedagógico.

Vejamos:

Essa definição orienta sua prática no nível da sala de aula: a relação que estabelece com seus alunos, o conteúdo que seleciona para ensinar e como o trata científica e metodologicamente, bem como os valores e a lógica que desenvolve nos alunos. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.26).

Um estudo realizado entre 1987 e 1991, no estado de Pernambuco representa um avanço, segundo o livro supra-citado, para uma proposta curricular para a Educação Física.

Nesta obra, há a constatação, interpretação, compreensão e explicação que apontam no sentido de tal avanço teórico-metodológico como norteador para as aulas de Educação Física.

Por se tratar de uma disciplina escolar, de uma parte que não é e não pode ser o todo, nenhuma disciplina consegue formas isoladas contemplar a educação global do aluno.

Assim essa nova proposta estava embasada no princípio de considerar as disciplinas tendo relações entre si enquanto partes de um currículo que representaria o todo.

Venditti Jr. (2004), em um texto comparativo de duas obras, mostra graficamente como funciona esse tipo de ensino em detrimento ao ensino por etapas, seqüencialmente.

Vejamos:



**Fig. 01** – MÉTODO DA ESPIRAL ASCENDENTE  
(PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA)



**Fig. 02** – MÉTODO ETAPISTA (LINEAR)

**Figura 01 e 02-** representação gráfica dos métodos da espiral ascendente em contraposição do método etapista e linear (autorizado por VENDITTI JR, 2004).

<sup>4</sup> Ver bibliografia no final do trabalho

Considerando que o conhecimento é provisório, podendo ser superado, vamos observar mais um pouco a característica pela qual a Educação Física tratava de suas competências.

Essa área sempre teve como objeto de estudo a aptidão física, a formação do Homem forte, ágil, dinâmico; características que nos levam inevitavelmente a associá-la com o sistema capitalista. Na maior parte de sua atuação, até em dias atuais, se apoiou na teoria biologicista para adestrar esse homem.

Por objetivar a aptidão física, a Educação Física escolheu o esporte como meio de atingir seus objetivos nas conquistas desses dotes físicos, e dentro do amplo universo esportivo, apenas aquelas modalidades com uma maior aceitação cultural, que desfrutavam de um maior prestígio social, são as escolhidas para o desenvolvimento da Educação Física escolar.

Sendo então diferencial de tudo aquilo que vinha sendo “pregado” e praticado, o Coletivo de Autores (1992) nos fala da importância da aquisição por parte dos alunos dos elementos que eles chamaram de cultura corporal, como já dissemos no presente texto. Essa é a grande contribuição do livro para uma ruptura, pelo menos de pensamento, para a época em que foi escrito, em 1992.

Então os jogos, as lutas, os esportes, a ginástica, as danças e quaisquer outras formas de manifestação corporal passam a ganhar um sentido significativo dentro da proposta curricular de uma Educação Física escolar diferenciada. Sob esta ótica podemos observar a representação do significado dessa nova proposta:

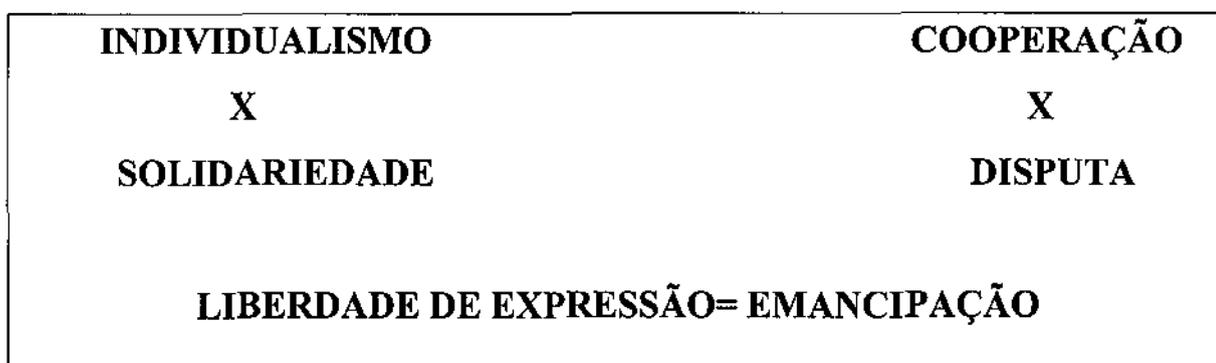


Figura 03- Representação gráfica dos significados da manifestação corporal dentro da educação física escolar.

Dar então um significado simbólico a sua atuação, considerando o homem como um ser cultural, algo que Daólio<sup>5</sup> falaria mais tarde, é uma clara mostra do entendimento daquilo que se faz em uma aula de Educação Física.

Infelizmente não era isso que acontecia há alguns anos atrás e que ainda hoje acontece muito pouco.

Essa nossa fala está baseada também na experiência que tivemos oportunidade de acompanhar nas aulas de estágio da FEF/Unicamp.

Nestas práticas, estive presente em algumas escolas da cidade de Campinas/SP. Também obtive diversos relatos de colegas e amigos (as) de turma sobre suas observações também em escolas da cidade citada bem como de algumas cidades da região.

Irei agora, na continuidade do presente capítulo, relatar algumas experiências observadas indo a “campo”, para tentar responder à pergunta que se insere no título do presente capítulo, para verificarmos se realmente a crise instaurada e ruptura anunciada “morreram” no sentido de apenas ficar no campo do discurso.

Participando de visitas nas escolas, pudemos observar que muitas atividades possuíam um fim nelas mesmas, desprovidas de um significado maior do ponto de vista do ser humano. Este que, como já alertamos, se movimenta de forma simbólica e expressiva, e quem não se atenta para este aspecto não deve ter uma compreensão daquilo que se propôs a Educação Física.

Mais do que isso, se percebermos leis, decretos e principalmente aquilo a que se coloca como objetivo das disciplinas pela escola, em nosso caso a Educação Física, a distância de tais colocações para uma efetiva formação do aluno ganha uma dimensão quilométrica que nos aflige.

Queremos dizer com isso que, se por um lado os profissionais não estão ainda sabendo como agir diante de todas as mudanças paradigmáticas que ocorreram, na área desde o final da década de 70 até os dias atuais; por outro nossos político, legisladores e coordenadores educacionais também não o sabem.

Em última análise, em nossa modesta opinião, o que é colocado para os professores não se encontra com aquilo que se pretendia com as mudanças, e dessa forma, como que

---

<sup>5</sup> Consultar Jocimar Daólio na bibliografia, autor este que defende os atos humanos como representações culturais do meio em que vivem.

em “efeito dominó”, os alunos também são prejudicados por estarem sendo privados de uma educação de qualidade e comprometida com sua formação global.

Assim o professor não sabe o que e porque ensina e como já batemos bastante nessa “tecla” em nosso trabalho, uma visão de dentro para fora é “podada” nas aulas (tanto pelo professor quanto pelo aluno), não havendo uma reflexão daquilo que se ensina e se aprende.

Já em 1983, Medina preocupava-se com o aumento do número de escolas de Educação Física no Brasil, bem como o sentido prático dado à área.

De quem é a culpa? Existe um culpado? Muitos? Tentaremos fazer essa reflexão, bem como algumas proposições sobre estes temas no capítulo final.

Talvez aqui estejamos “chovendo no molhado”, porém é preciso “chover” cada vez mais para que uma “enxurrada” leve tudo aquilo de ruim que tivemos e temos, inclusive nossa prática desprovida de reflexão, para que uma renovação aconteça.

Tudo aquilo pelo que passou a Educação Física tem seu valor, temos consciência disso. Até porque novas reflexões e críticas não seriam possíveis sem todos esses aspectos que fizeram da Educação Física o que ela é hoje.

Assim os militares, os médicos, os legisladores, os profissionais preocupados somente com a prática e tantos outros profissionais não devem ser desprezados por aquilo que fizeram.

A crítica em si é muito simples depois que todos os fatos que caracterizam um ramo da sociedade, em nosso caso específico a Educação Física, foram consumados e viraram partes da história. Não queremos com isso somente “jogar pedras no telhado” daqueles que construíram a Educação Física tal qual ela ainda é hoje em dia, mesmo porque temos consciência de possuímos também um “telhado” de vidro.

Mas se concordamos que muitos equívocos foram cometidos e que queremos uma ruptura este se torna um ato necessário. Então algo deve ser feito. Queremos uma revolução? Renovar e transformar o que? Como fazer isso? E para que renovação e transformação?

Esses questionamentos, mesmo com muitos avanços e discursos que pretendem respondê-los, ainda se distanciam muito daquilo que acreditamos que a Educação Física deveria ser.

Nós precisamos, mais do que tudo, assumir compromissos e não só aderir a novos conceitos e teses recentes sobre nossa atividade. E isso requer um risco, mas ou corremos tal risco ou estaremos destinados à extinção!

É preciso levar em conta o aspecto histórico-cultural (a cultura do corpo nas sociedades), pois os seres humanos são diferentes apesar de suas semelhanças. Mas olhar somente sob este aspecto nos remete a uma visão muito simplista do assunto.

Necessário é perceber que hoje estamos condicionados em uma sociedade capitalista que dita as regras e propaga a manutenção do “status quo”. Olhando rapidamente para o curso histórico da cultura corporal vemos que:

[...] ela foi enaltecida na Grécia, decaiu com a decadência do império Romano, foi desprezada na Idade Média, ressurgiu no renascimento e adquiriu contornos característicos a partir da revolução Francesa e da revolução Industrial, em face, entre outros aspectos, de um considerável desenvolvimento científico (MEDINA 1990, p.74).

Assim sendo não se pode afirmar que hoje somos melhores do que profissionais do passado, bem como não podemos afirmar que com todo o desenvolvimento que a humanidade foi submetida nas últimas décadas transformou nossa ação enquanto educandos.

Podemos até ter mais acesso ao conhecimento e a informação, mas na realidade da Educação Física a sociedade não desfruta dos benefícios que esse progresso anunciou.

O profissional de Educação Física, adepto ainda de uma pedagogia tradicional<sup>6</sup>, que ainda em nossa área reflete um pensamento único e exclusivo do ser biológico, ficando em segundo plano os aspectos sociais e psicológicos do Homem, ou mesmo esquecidos!

Esse profissional é o objeto da sociedade em que vive, e não sujeito crítico e transformador que dele se espera.

E mesmo quando uma Educação Física se mostra transformadora, aquela que considera que a Educação Física é mais do que educar o físico, utilizando-se das outras possibilidades dentro da área, como os jogos, lutas, ginástica e dança, ainda o faz em uma clara preocupação com os aspectos anátomo-fisiológicos, do que psicológicos e sociais, na tentativa da busca dos movimentos regrados e porque não dizer na busca de um rendimento esperado.

---

<sup>6</sup> Tradicional aqui entendida como prática pedagógica tendo o fator biológico e esportivo como predominantes nas aulas.

## Capítulo III: Observando os resultados e prosseguindo com a ruptura

De quem é a culpa? Existe um culpado? Muitos?

Por que meninas marcam pontos enquanto meninos jogam? Por que só acontecemos na dependência de fenômenos da natureza, já que não sabemos se teremos espaço físico para trabalhar quando chove?

Portadores de necessidades especiais atrapalham? Temos competências para trabalhar com as diferenças? E para perceber as semelhanças?

Como já apontamos anteriormente não estamos aqui, como em uma modalidade esportiva, para “lançarmos” pedras no telhado de ninguém, como dito anteriormente.

Porém, é preciso refletir para onde estamos caminhando. Se alguém é culpado podemos dizer que todos somos, na medida em que a Educação Física é um elemento cultural da sociedade e que ela não vem sendo tratada da forma como pretendíamos.

O problema é que os cidadãos que apenas têm o contato com essa disciplina em sua fase escolar ainda possuem o pensamento de que o conteúdo da educação física é praticamente único, o esporte, pois o contato que estes indivíduos têm é com a prática esportivizada e hegemônica das modalidades esportivas no ambiente escolar (PAES, 1997).

Se por um lado as rupturas foram anunciadas, e que em muitas escolas superiores de Educação Física esses assuntos são levantados e refletidos, o mesmo parece não acontecer em outros níveis da sociedade.

A realidade prática da Educação Física, o fazer pelo fazer, uma falta de caracterização do que é essa área do conhecimento (de que realmente ela possui espaço, finalidade e conteúdos próprios), e principalmente o conhecimento, mas poucos têm acesso, dificultam a transposição da teoria anunciada para a prática<sup>7</sup> pretendida.

Assim mais uma vez nos sentimos na obrigação de continuar “chovendo no molhado” para a tentativa de mudança real. Com o advento do culto ao corpo, novamente a

---

<sup>7</sup> Prática aqui entendida como o ensino global da disciplina e não apenas sua lógica prática do fazer que outrora criticamos neste trabalho.

perspectiva mercadológica se impôs e o número de instituições superiores de Educação Física cresceu de forma exponencial.

Essa é uma primeira proposição através de uma crítica que gostaríamos de colocar como um dos pontos que podem começar a diferenciar nossas condutas profissionais.

Os governantes e o Ministério da Educação (MEC) não podem permitir que se abram novos cursos de Educação Física, e mesmo assim quando porventura algum for aprovado ele deveria passar por exames de qualidade técnica de seus currículos, bem como dos profissionais que lá lecionarão, para que a cultura seja modificada na difícil construção de novos paradigmas.

Além dos profissionais de Educação Física, a sociedade como um todo deve saber do que trata a mesma. Isso só será possível com uma conduta incondicional das escolas, particulares ou públicas, no sentido de respeitá-la como parte dessa escola, juntamente com as outras disciplinas naquilo que se chama interdisciplinaridade, para que todo seu conteúdo possa ser aplicado.

Veja, essa é uma tarefa difícil, principalmente quando se leva em conta a baixa remuneração, até por conta do número reduzido de aulas, pela precariedade de materiais e espaços físicos, e também pela resistência por parte dos alunos às novas experiências.

Mas se queremos que algo mude é necessário que se “compre” essa briga, caso contrário só “patinaremos” e não sairemos do lugar.

Com o advento da educação progressiva, os alunos e alunas dificilmente reprovam de ano, ainda mais em nossa área que isso nunca aconteceu.

Não estamos defendendo aqui uma reprovação para que nosso conteúdo ensinado seja respeitado. Mas precisamos desse respeito!

E para que isso aconteça os profissionais e a escola como um todo precisam ter acesso do que se trata a Educação Física, para que todos saibam de onde saímos e para onde vamos.

Olhemos para o caso das meninas, para que elas vão à aula em determinados momentos. Para marcar pontos e placares. Ora, fiquem em casa então, ou façam, outras coisas, porque para isso elas não precisam de Educação Física. E para um profissional da área se portar assim também não precisa cursar faculdade, isso qualquer um pode fazer!!

Isso acontece porque elas, na sociedade, possuem menos espaço de vivenciar mando, visões, de se impor de forma geral. Essas vivências são menores em quantidade e em qualidade em relação aos meninos. Será que não podemos através de nosso fazer pedagógico nós podemos equilibrar isso? Acreditamos que a resposta é afirmativa.

Então **sim**, nós temos o que ensinar, pois assim como afirma Daolio (1997, p.59): “[...] o próprio nome Educação Física remete sua compreensão para o âmbito cultural, já que supõe uma educação ou influencia, ou uma intervenção social sobre o físico, tido como componente natural dos homens”.

Concordamos então com o citado autor quando ele nos diz que dá para viver sem Geografia ou História, Português ou Matemática, Teatro ou Música, Educação Física ou Esportes, mas são com esses elementos criados culturalmente que se forma o ser humano global, fruto gerador de sua cultura e ao mesmo tempo inserido nela, podendo dela se apreender porque o conhecimento é universal e deve ser ampliado a todos.

Então com Marcel Mauss, citado por Daolio (1997, p.59), falava do conceito das “técnicas corporais”, definindo-as como “(...) as maneiras como os homens, sociedade por sociedade, e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos”.

Considerando na realidade brasileira, que as diferentes “sociedades” que existem dentro do imenso país, considerar esse fator cultural é primordial. Mesmo assim consideramos imprescindível que um currículo comum possa ser sugerido pela Educação Física para que o mesmo seja aplicado de norte a sul no Brasil.

Assim contemplando todos os elementos da cultura corporal (jogo, ginástica, dança, lutas e esportes), os alunos terão acesso ao produto da área de Educação Física.

Pois ao que parece, além de uma autonomia utilizada equivocadamente pelas escolas e professores, onde cada uma e cada um ensinam o que quer e quando quer na Educação Física, o que não acontece em outras disciplinas, somente quatro esportes de maior valor cultural são “ensinados” aos alunos (basquete, vôlei, futebol e handball) sem que haja oportunidades e possibilidades de outros aprendizados.

Considerando as diferentes culturas é preciso que se abram espaços na Educação Física para que os costumes regionais sejam contemplados com suas peculiaridades culturais, tanto dentro do Brasil como em nível mundial também. Mesmo que isso esteja nos documentos legais, faz-se necessário que isso seja colocado em prática.

Temos assim uma infinidade de assuntos dentro dos conteúdos da cultura corporal, que devem ser passados aos alunos, isso tudo dentro de quatorze anos, desde o ensino infantil até o ensino médio, isso sem falarmos do ensino superior que não trataremos aqui por fugir de nossa proposta para este ensaio.

Mauro Betti nos remete a falsa questão da educação do e pelo movimento. Vejamos:

A Educação Física passa a ter a função pedagógica de integrar e introduzir o aluno de 1º e 2º graus no mundo da cultura física, formando o cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais da atividade física (Betti, apud Daolio, 1997, p.62).

Nesse sentido, sem uma confusão de termos e palavras, acreditamos na superação da educação do e pelo movimento, querendo de fato que essas concordâncias ultrapassem os livros e cheguem diretamente ao aluno e aluna na construção de uma Educação Física significativa.

Nas palavras de Oliveira (Oliveira, apud Daolio, 1997, p.62) é preciso buscar o sentido do “(...) entendimento e compreensão da importância do movimento para o ser humano no seu cotidiano como um todo (...)”.

Então outra proposta para que a crise instaurada seja realmente transformadora é essencial olharmos para o ensino médio.

As aulas de Educação Física não acontecem mais nesse nível de ensino, e quando acontecem elas são de forma descompromissadas porque os alunos estão em épocas de pensarem em coisas mais “sérias” em suas vidas, como o vestibular, (dicotomia corpo versus mente novamente), por exemplo.

Os alunos são dispensados das aulas quando trabalham, sendo que algumas escolas optam até por academias em substituição às aulas de Educação Física.

Então se acatarmos que o interessante é ensinar técnicas e regras dos esportes a Educação Física realmente não possui sentido no ensino médio. No final do ensino fundamental os alunos estarão prontos para aquilo que propusemos a eles.

Observando esses problemas no ensino médio, voltaremos então para os ensinos infantil e fundamental. É preciso vivenciar uma base motora rica em suas muitas possibilidades, como conhecimento do corpo e de todos os seus alcances, para que essa base seja utilizada depois em atividades mais complexas dentro dos elementos da cultura corporal.

Então se nos parece óbvio que devemos aproveitar o conhecimento popular e a partir dele sistematizar nossas aulas, porque sua prática ainda não se apropriou dessa reformulação?

Existe um estilo na Educação Física que lhe é próprio e difícil de transpô-lo, estilo esse que possui o consenso das escolas e de sua diretoria, dos profissionais, alunos e sociedade de forma geral.

É necessário então pensar no ser humano que pensa, reflete, age e que possui características próprias, pois se continuarmos pensando no corpo biológico, achando que todos respondem de forma semelhantes às nossas expectativas, continuaremos “enrolando” nossos alunos, através do famoso “rola a bola”. Então estamos proibidos de explicar biologicamente porque alguns participam de nossas aulas e outros não.

Não pode ser pelo rendimento que alguns têm acesso às aulas enquanto a maioria fica fora delas, e que depois, numa atitude compreensível, acabam detestando qualquer atividade física e se lembrando com raiva ou tristeza de sua Educação Física escolar.

Assim nas fases iniciais, como já dissemos, é preciso vivenciar todas as possibilidades de movimentos, criando bases para que, no final do ensino fundamental e no ensino médio, onde os alunos possuem uma maior capacidade cognitiva de aprendizagem, além do pensamento abstrato, esses possam participar, desenvolver, criticar, propor nas aulas de Educação Física, para que depois em suas vidas, mesmo sem a Educação Física, eles possam usufruir das atividades e dos elementos da cultura corporal.

Outro elemento absolutamente necessário para que soluções práticas aconteçam é o comprometimento legislativo com a área.

Facultar sua prática por conta de mulheres com prole, pessoas do curso noturno que possuam jornada de trabalho igual ou superior a seis horas, maior de trinta anos, que preste serviço militar, é, em última instância, concordar com a falta de compromisso com a Educação Física.

É afirmar que ela, diferentemente de outras disciplinas, não possui um caráter sério que caracteriza essas outras matérias dentro do espaço escolar. O quadro em anexo, feito por Venditti Jr. et al (2004), baseado nas obras de Castellani Filho nos anos de 1993, 1994 e 1998 onde essa afirmativa acima é mostrada de forma evidente, alertando também para uma

lentidão de nosso legislativo na busca de novas leis que contemplem a Educação Física como área de conhecimento a que todos devem ter acesso.(Vide anexo I)

E finalmente um último propósito que questionamos e que queríamos de discutir para melhor entendermos porque a Educação Física em alguns momentos, mais do que gostaríamos, se torna falha é a formação profissional.

Ela (a Educação Física) falha também, mesmo depois da crise e de novas teorias que surgiram, porque seus cursos formadores ainda não dão conta de trabalhar seus conteúdos de forma a contemplar um melhor aproveitamento profissional.

Com isso não queremos afirmar que tudo deve estar pronto, como “receitas de bolo”, para o aluno que vivencia suas atividades acadêmicas e que depois vai para o “campo” de trabalho. Isso seria inconsistente com tudo aquilo que discutimos até agora.

Mas que além dos esportes e os jogos, as lutas, a ginástica e a dança necessitam da maior e melhor aprofundamento para que possam de fato compor as aulas da Educação Física escolar.

A dificuldade de trabalhar estes temas é evidente para nós, e assim o profissional que não sabe bem do que trata estes temas e acima de tudo encontram uma resistência muito grande por parte de alunos e até da direção das escolas, acabam por deixa-los de lado e continuam o ciclo, que para nós é vicioso, de se trabalhar somente os esportes e os jogos em suas aulas, estes em menor quantidade do que aqueles.

Este ensaio, de caráter monográfico não pretende (e nem poderia) encerrar a discussão. Mesmo porque optamos pela utilização bibliográfica que em nosso entendimento melhor representava do ponto de vista sintético a história, ruptura e perspectivas na Educação Física escolar brasileira, além de nossa experiência enquanto aluno e professor.

E temos a consciência de que ir ao campo na busca de maiores informações para discussões futuras poderá trazer resultados mais concretos na busca de respostas que este ensaio levantou. Essa será uma próxima etapa de outro trabalho que pretendo realizar.

Que este trabalho também não fique marcado pelo pessimismo ou pela angústia que outrora possa parecer.

É na verdade mais uma voz que não quer se calar, mais uma esperança que se lança na difícil missão de transformar uma realidade.

Que nós possamos em um futuro breve observar toda a importância dessas vozes que não se calaram, na tentativa incansável de uma Educação Física melhor, o que de certa forma é nossa esperança também, para um mundo plural e significativo em detrimento ao individualismo desprovido de significados na formação de um mundo mais justo.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. Estórias de quem gosta de ensinar. Edição. Local: editora e ano. Páginas
- CASTELLANI FILHO, Lino. Educação Física no Brasil, a história que não se conta. 4ª edição. Campinas/SP: Papyrus, 1994. 225 p.
- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino de Educação Física. 10ª edição. São Paulo: Cortez, 1992. 119 p.
- DAOLIO, Jocimar. Cultura: Educação Física e Futebol. 2ª edição. Campinas/SP: editora da Unicamp, 1997. 135p.
- FREIRE, João Batista. Educação de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física. 1ª edição. São Paulo: Scipione, 1989. 224p.
- GONÇALVES, Hortência de Abreu. Manual de monografia, dissertação e tese. 1ª edição. São Paulo: Avercamp, 2004. 124p.
- MEDINA, João Paulo Subirá. A Educação Física cuida do corpo-e “mente”. 9ª edição. Campinas/SP: Papyrus, 1990. 96 p.
- NIETZSCHE, Friedrich W. Assim falou Zaratustra. São Paulo: Martin Claret, 2000. 331p.
- PAES, Roberto Rodríguez. Aprendizagem e competição precoce-o caso do basquetebol. 3ª edição. Campinas/SP: editora da Unicamp, 1997.
- VENDITTI JR. et al. A Legalidade da Educação Física no Ensino Médio: da regulamentação à realidade (no prelo). 2004.